

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

*Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.*

Memórias do Comércio - Vale do Paraíba (MCVP)

## Música e cerâmica

História de [Sérgio Adelchi Bonádio Weiss](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 11/03/2004

---

P/1-Então, Sérgio, boa tarde.

R- Boa tarde.

P/1- Eu gostaria que você começasse dizendo pra gente o seu nome, o local e a data do seu nascimento.

R- Sérgio (Adelchi Bonadio Weiss?). Sergio (Adelchi?) é mais da parte de italiano, né? Minha mãe era italiana, Bonadio. E (Weiss?) é de austríaco, de Viena, meu avô era austríaco.

P/1- E você nasceu em São José?

R- Aqui, eu nasci aqui em São José, quando São José era uma coisa horrível, só tinha tuberculoso aqui. Em 1928, no dia 7 de novembro, na atual Avenida Dr. João Guilhermino.

P/1- E o nome dos seus pais, Sérgio?

R- Meu pai era Roberto Maximiano Weiss e minha mãe era Inês Maria Antonieta Bonadio Weiss

P/1- E seus avós, o nome deles, você lembra?

R- Do meu avô eu lembro.

P/1- Do seu avô por parte de pai?

R- Por parte de pai era Leopoldo e ele foi contratado pelo governo brasileiro para ser chefe do Correios e Telégrafos no Rio de Janeiro.

P/1- Ele que imigrou pro Brasil é isso? Seu avô ou foi seu bisavô?

R- Não. O meu avô, Leopoldo Weiss.

P/1- Ele tem origem austríaca, é isso?

R- Origem austríaca.

P/1- E aí ele veio pra Brasil já pro co...

R- Contratado pelo governo brasileiro pra ser chefe dos Correios e Telégrafos.

P/1- E como é que a família veio parar em São José, Sérgio, você sabe?

R- Porque... a origem da família em São José foi a família Bonadio.

P/1- Ah, sim. A família da sua mãe.

R- Da minha mãe. O meu avô, Eugênio Bonadio, italiano, ele veio para o Brasil, mais ou menos 1915, acho que veio fugido da guerra? E ele trabalhou em uma cidade do interior aqui, que chamava Pedreira, trabalhou em Jundiá e depois ele resolveu, juntou uns dinheirinho. Não era rico, não. E queria fazer uma fábrica de louça dele. Arranjou um sócio e ele pegou um trem, naquela época se viajava muito de trem, né? A Central do Brasil, Maria Fumaça, aquelas coisas, né? E ia indo para Pindamonhangaba onde estava combinado que a Cerâmica Bonadio, a Santa Eugênia ia ser edificada lá. Mas quando passou aqui por São José deu um problema no trem e o maquinista lá, o chefe disse: "olha, Seu Eugenio, nós vamos demorar umas duas horas, se o senhor quiser dar uma volta pra conhecer a cidade, né?" E daí, ele se lembrou que Jundiá... Porque ele era músico, aí ele era maestro.

P/1- O seu avô italiano?

R- O meu avô italiano, Eugênio Bonadio. Ele se lembrou que ele teve uma aluna que morava aqui em São José, então ele foi visitar essa aluna, né? E quando ele estava visitando a aluna, chegou o prefeito de São José, que era o tio dela.

P/1- Dela.

R- Da aluna, a chamada Dona Zuzu. "A, Seu Eugênio, tal, o senhor por aqui, Seu José que que nós devemos a honra, tal?" "É que eu vou indo pra Pindamonhangaba, que eu vou abrir a minha indústria de louça lá, que o prefeito de lá me deu uma série de vantagens, de isenções e nós vamos abrir a nossa fábrica em Pinda." "Negativo, o senhor não vai pra Pinda, o senhor vai abrir a fábrica aqui em São José." E deu uma série de facilidades pra ele. E assim, em 1923 foi inaugurada aqui em São José, a primeira indústria da cidade que se chamou Fábrica de Louças Santa Eugênia Bonadio S.A. Ah, ficou lá o...

P/1- É, o...

R- O envelope. Então, assim foi em 1923. Mas só que em 1922, o meu avô, ele tinha 45 anos e tinha oito filhos. Ele faleceu. E ficou a viúva com oito filhos, pra ter que terminar a construção da fábrica. E aí, você vê que gente, né, de...

P/1- De garra, né?

R- De garra. Botou todos os filhos pra trabalhar na fábrica de louça. Eu tenho as fotos, te mostro, elas trabalhando, a minha avó. E assim começou a primeira indústria de São José, que foi a fábrica de louça Santa Eugênia.

P/1- Por quê que o seu avô quis montar uma fábrica de louça, ele tinha essa... porque ele era músico?

R- Ah, não. Eu esqueci de contar. Ele lá na Itália, ele era um grande ceramista.

P/1- Ah..

R- Lá ele fazia. Eu tenho umas peças dele, quando você for lá em casa eu vou te mostrar

P/1- Ah, que (barato?), quero ver.

R- O que ele já fazia, né? Então, ele veio pra cá... Porque aquela época quem queria música, tinha que ser músico ou tinha que ter músico em casa. Era muito normal, naqueles tempos, todas as casas tinham um sala de música. E as melhores famílias tinham que ter um piano, né? E um piano importado, um (Play L), né? E assim foi, a minha família todos eles tocavam música. Então, eu nasci no meio de músicos e eu acho que foi por isso que eu puxei esse lado.

P/1- Então, a sua mãe era uma...

R- Das Bonadio.

P/1- Das oito que ficaram

R- Oito, oito irmãos. Isso

P/1- Tá. E aí... Então a gente está falando da origem, daqui a pouco eu quero falar um pouco mais da sua mãe, do seu pai. E queria saber se você tem irmãos.

R- Tenho um só.

P/1- Um irmão?

R- Leopoldo, mais velho, dois anos mais velho.

P/1- Então tá. Então conta pra gente, quer dizer, o seu pai está no Rio nesse momento, ou já veio pra São José? Ainda não veio, o seu pai?

R- Não, ainda estava no Rio.

P/1- Ainda estava no Rio.

R- Estava.

P/1- Como eles se conheceram?

R- Ele se formou lá em engenheiro civil e a Central do Brasil, isso é que é interessante, é bem interessante essa história. São José era que nem Jacareí, os trilhos passavam no meio da cidade. E aqui também, passava no meio da cidade. Passavam onde é hoje, sobe ali na, como é que chama? Nova América, tem aquela rua que desce, que me esqueci o nome agora. Ali era o trilho, subia, passava pelo Tênis Clube, pela Faculdade de Direito, né? Olha, bem no meio de São José, dividia. Então meu pai veio pra cá para tirar os trilhos que passavam dentro da cidade, pra passar lá embaixo no banhado. Então esse foi o trabalho dele. Por isso que ele veio aqui pra São José e eu tenho as fotos dele de, fantasiado de engenheiro. Foi quando ele conheceu minha mãe.

P/1- Conheceu sua mãe. Se apaixonou pela sua mãe.

R- Sim, se apaixonaram, se casaram. E estou eu aqui.

P/1- E aí... mas não teve problema, porque austríaco com italiana...

R- Teve.

P/1- Pois é.

R- Teve.

P/1- Como foi isso?

R- Quando... a família do meu pai, austríaco, eles eram casado com, com aqueles brasileiros bem... paulistas, bandeirantes, cheio de, né? Aquela coisa de Fernando Paes Leme. A Marquesa de Santos fazia parte da nossa família, né? Então a minha mãe que conta, né, que quando meu pai foi falar com a família da minha avó, né, as paulistanas, que ele ia se casar. "Ah vai se casar, muito bem, e com que você vai se casar?" "Ah, eu vou casar com a Inês Bonadio, ela é italiana. "Italiana?" (riso) Sabe, aquela coisa, né? Tinha, né, muito daquilo. "Italiana?" "É, italiana." Então, ela já foi recebida com reservas, né?

P/1- Mas do lado da sua avó italiana não teve problemas de aceitar seu pai?

R- Ah não. Nenhum, nenhum. Ela gostava muito do meu pai. Meu pai era muito gentil, era... daquelas coisas que não tem mais hoje. Cavaleiro, aquele negócio de dar lugar pra dama, beija mão. (riso) Ele era assim e agradou muito lá. E se casou com a minha mãe e veio, sem conhecer a indústria. Ele era engenheiro civil e veio trabalhar na Bonadio, na fábrica do meu avô, com a D. Ana. Chamava ela de D. Ana, a minha avó, né? E ele mais outros, né? À medida que a família ia casando eles iam enfiando tudo dentro da fábrica pra casar, né? (riso) Já viu o embrulho que deu.

P/1- Quando é que virou Cerâmica Weiss?

R- Pois é, foi um dos primeiros embrulhos. (risos) Italiano é engraçado, né, o povo italiano, né? Eles é... eles são assim muito briguentos, né? Eles brigam. Eu me lembro, né? Eu assistia aquelas brigas. As irmãs com o irmão, com o cunhado, era uma coisa, né? Mas, era assim, o meu tio mais velho chamava-se Conrado. "Porque o Conrado, sem-vergonha, mulherengo, namorando essas empregadas. Porque eu vou lá, eu bato nele, eu mato, porque não sei o que. Não sei o que. Não piso mais aqui na minha casa, pá, pá, pá, aquelas coisas." Daí passava umas horas, "o Conrado está doente, está com uma tosse!" "Ai, coitado! Eu vou indo lá na casa do Conrado." "Que que você tem?" (riso) Essas coisas de italiano, né?

P/1- Italiano.

R- Isso é assim mesmo, né? Então eu me lembro, elas brigavam, brigavam, mas ficou doente, fica bom, (história?), fica todo mundo de bem. Assim era a família Bonadio. Daí, quando foram todos eles, começaram a trabalhar, né? Os cunhados. Daí começa aquela, ciúme, rivalidade, né? Um quer ser isso, um quer subir mais que o outro, tal. E a minha mãe, muito danada, né? Minha mãe, agora um capítulo à parte, D. Ines. Uma artista excepcional, ganhou uma porção de prêmios. Se existe a Cerâmica Weiss foi por causa dela. E a Cerâmica, a Fábrica de Louças Bonadio produzia a louça para uso diário, são travessas, pratos, xícaras, coisas assim, mais, mais simples. Então a minha mãe ia lá e ela pegava duas xícaras, que grudava, né, era de barro. Ela grudava, depois pegava a asa punha aqui assim, punha outra asa aqui assim, abria a boca assim, virava uma ânfora. Daí ela pintava, decorava, punha no forno e levava pra casa dela. E ela dava muito presente pros amigos, pros parentes, dessas

louças que ela fazia. Então, a nossa casa lá, tinha um lambri, era cheia dos cacarecos que a minha mãe fazia, ela inventava. E, um dia, já estava começando a guerra, né, de 38, lá na Europa. Então já não ia mais nada. E, foi lá uns comerciantes do Mappin e da própria Galeria Paulista de Modas, que era a Casa Alemã antiga. Foram lá pra almoçar com o meu pai e eles ficaram olhando, olhando aquelas coisas, né. “Mas que bonito! Quem é que faz isso aqui?” O meu pai disse: “É minha mulher” Aí eles: “Oh, D. Ines parabéns. A senhora não gostaria de vender isso aqui pra gente comercializar pra senhora em São Paulo.” Ah, na hora. Minha mãe era terrível, né? Na hora, topou, né? Ela fazia macarrão, só pra você ver São José como era precário. A primeira máquina de macarrão foi dela, que ela ganhou não sei de quê. Então ela fazia macarrão e telefonava pros amigos, pros parentes: “Olha, tem macarrão fresquinho aqui, quem quer leva, mande levar.” Então mandava levar, mas daí ela falava mesmo. “Dizia que era fresquinho, meu filho, porque o macarrão estava molhado e pesava mais.” (riso)

P/1- Comerciante nata.

R- Danada, danada. E daí começou a fazer as peças, né? Fazia as peças na fábrica de louça, Bonádio. E ela levava pra casa, decorava, começou a ensinar umas meninas pra decorar e queimava na Bonadio. Mas o nome embaixo já era Weiss.

P/1- Sei.

R- Então era a peça Bonadio, mais a idéia dela e a pintura dela e deu uma ciuemeira nas irmãs e nos cunhados, né? Eu sei que saiu uma brigalhada, lá. Em consequência, o meu pai o Alberto Weiss que já tinha trazido o irmão dele, também, do Rio de Janeiro, o Mário Weiss. O Mário Weiss era casado com a irmã da D. Ines, que era a D. Sergia.

P/1- Bonadio também

R- Bonadio. Então era dois Weiss casado com duas Bonadio. Então eles saíram da Bonadio e fundaram a Cerâmica Weiss. E pra evitar atrito de família, que ficou aquela ciuemeira, eles partiram pra um outro estilo de indústria. Pra não fazer concorrência. Então o estilo da indústria da Cerâmica Weiss era mais artístico. Era uma louça mais fraca, chamada faiança. Mas fez muito sucesso porque caiu no gosto do brasileiro. A minha mãe, ela tinha um gosto, assim, muito extravagante, ela era pioneira, ela tinha coragem de inventar as coisas, né? Então ela fazia aquilo com pinturas, com cores fortes, né? Antigamente, as cerâmicas, eram só usado as cores sépia, azul marinho, não é? E ela não, já punha vermelho, verde, azul e pássaros e flores, as flores brasileiras, orquídeas. E aquilo tudo com contorno de ouro. Foi um sucesso, como se vendeu.

P/1- Isso foi em que ano, Sergio, foi a separação?

R- 42.

P/1- 42. Então você já tinha... 14 anos.

R- É.

P/1- 14 anos.

R- E aí foi. Foi um sucesso a Cerâmica Weiss. A Cerâmica Weiss começou onde é hoje o INSS, em frente ao Banco Real. E de lá, ela foi lá pra Avenida Rui Barbosa, onde ela se expandiu.

P/1- Se expandiu. E vinha gente de fora comprar? Porque aí a sua mãe começou a vender pras lojas de São Paulo, é isso?

R- Ah, sim. Aí daí aquilo foi. Porque aquele tempo não tinha televisão, né? Não tinha a mídia que tem hoje. Então era...

P/1- Boca a boca.

R- Boca a boca.

P/1- Mas aí vinha gente de fora?

R- Ah, sim. Do Brasil inteiro.

P/1- Ai que beleza.

R- Do Brasil inteiro.

P/1- Tem alguma história que você lembre, assim, de gente que vinha? Deve ter um monte, né, acaba esquecendo.

R- Ah, eu tenho uma história muito engraçada. (riso)

P/1- Então, vamos a ela.

R- (riso) A minha mãe era, sabe como era a minha mãe, né? Porque depois, como a Cerâmica fez sucesso tal, daí meu pai fez uma casa. Muito

bonita. Era uma das casas mais bonitas da cidade. Então todo mundo que vinha de fora ia almoçar na casa do meu pai. Porque não tinha hotel, não tinha nada, era casa do Dr. Roberto, casa do Dr. Roberto. Um dia foi lá um americano, que veio também comprar louça, e meu pai apresentou minha mãe. “Olha esse aqui é do Estados Unidos, é o Mr. Ford.” Ela disse: “ah, sim, pois não, muito prazer e tal.” E quando ele se despediu, disse: “olha, então Mr Ford, a senhora \_\_\_\_\_ (for that my name is?).” Eu tenho nome de marca de automóvel. Aí passou uns 6 meses, o homem voltou, né: “como vai Seu Chevrolet?” (riso)

P/1- E Sergio, vamos falar um pouquinho de São José antigo.

R- Vamos, vamos.

P/1- Você estudou aqui, em São José.

R- Só aqui. Tentei estudar em São Paulo, um ano, pra fazer o colegial, científico, né? Hoje tem outro nome, né?

P/2 e 1- Ensino Médio.

R- Ensino Médio, né? Porque São José não tinha nada. Se quisesse tinha que ser Taubaté. Taubaté era a capital do vale, sem dúvida nenhuma. E era mesmo.

P/2- Tudo era em Taubaté.

R- Tudo, tudo. Taubaté já tinha prédio, né, a gente ia lá ficava olhando aqueles prédio.

P/1- Você ia pra Taubaté? Que que você ia fazer?

R- Ia. Ia jogar basquete.

P/1- Jogar basquete?

R- Uh, atleta.

P/1- \_\_\_\_\_ de São José?

R- Da seleção.

P/1- Seleção?

R-Lógico.

P/1- Joseense.

R- Joseense

P/1- Muito bem.

R- Jogos abertos do interior.

P/1- Ah, sim.

R- Com esse corpito aqui eu jogava basquete, imagina? Eu tenho as fotos, eu mostro, viu?

P/1- Eu quero ver, quero ver.

R- Vai lá, eu mostro tudo pra vocês. Vocês vão ver lá eu.

P/1- Como você ia pra Taubaté? \_\_\_\_\_

R- A gente ia de, não, não. A gente tinha uma quadra aqui, onde é que a gente treinava, né? Mas quando chovia, que tinha jogo importante, que Taubaté. Só Taubaté tinha quadra coberta. São José não tinha quadra coberta. Olha que que era isso aqui, gente.

P/2- E aí, como é que ia?

P/1- Ia de ônibus?

R- Não, a gente ia de carro. Meu pai já tinha um carro, né? Meu pai já tinha um carro, um (Barcard?). (riso)

P/1- Isso em que ano?

R- 30 e... O (Barcard?) era 38, mas foi em plena guerra, 45, 46 e não tinha gasolina. E sabe como é que fazia, não?

P/1- Como?

R- Ah, agora peguei vocês. É, como é que os carros andavam aquele tempo? Vocês nunca ouviram falar, nem você ouviu falar? Em Gasogênio

P/1- Gasogênio, é verdade, é verdade. Gasogênio.

R- Ah. Gasogênio.

P/1- Ele importou esse carro, o seu pai?

R- Era um (Bacard?). Não, já tinha, já tinha. Os carros daqui eram todos importados, né? Porque mesmo os Ford, Chevrolet, tudo.

P/1- Ah, tá. Já tinha a Ford.

R- Era tudo importado, eram só montados aqui.

P/1- Certo.

R- Alguns eram montados, né? Mas fábrica não tinha nenhuma. Então eles andavam, a gente ia com carro a gasogênio, que eram dois tubos, que se colocava atrás no carro, com carvão. E esse carvão produzia o gás que... Mas era uma desgraça, né, não tinha força.

P/1- Que estrada que pegava pra ir pra Taubaté?

R- Ah, a Rio-São Paulo. Não tinha a Dutra. Chamava antiga Rio-São Paulo, né?

P/1- E era uma estrada, como é que ela era?

R- De terra.

P/1- De terra, então, descreve...

R- De terra, uma via só, uma mão só. Você pra ir daqui pro Rio de Janeiro, Nossa Senhora, era...

P/1- Ou ia de trem..

R- De trem, eu fui muitas vezes de trem, noturno, dormindo, ai que delícia viajar de trem.

P/1- Como que era a viagem, Seu Sergio?

R- Um espetáculo. como eu amo trem, como eu gosto.

P/1- Tinha vendedor no trem, Sergio?

R- Não, tinha vendedor só nas estações. "Olha, lá fora, não sei que, pipoca, milho, não sei que lá, maçã." Mas quando os trens de passageiros passavam aqui em São José... Por que era assim, né? O cobrador, o chefe do trem, ele passava, né, e anunciava: "próxima parada, Jacareí." Então todo mundo ficava aceso, porque Jacareí era terra dos biscoitos. Tinha um biscoito muito famoso em Jacareí, né? E todo mundo descia pra comprar biscoito de Jacareí e tal. Daí, saía o trem, "próxima passagem: São José dos Campos", pessoal pegava, fechava o vidro.

P/1- Você pegou esse tempo?

R- Peguei, tudo isso, eu via. Quando eu ia jogar basquete fora de São José. São José, a torcida de Jacareí, de Taubaté, de Guaratinguetá, da onde que fosse, de Santos: "tuberculoso, tuberculoso, tuberculoso."

P/1- É mesmo?

R- É. "Sanatório, sanatório"

P/1- Ficou essa marca, né?

R- Ficou.

P/1- Porque você ia nos anos 40, já não tinha mais essa coisa?

R- Sim, não, tinha.

P/1- Ainda tinha.

R- Ah, tinha.

P/1- Sanatório?

R- Nossa, sanatório aqui, foi até 50. Foi, foi diminuindo, né?

P/1- Já não tinha tanto tuberculoso.

R- Mas, tinha muito, nossa.

P/1- Você pegou a época das pensões?

R- Peguei. Ih, em frente à minha casa, Avenida João Guilhermino, era só de pensão de tuberculoso.

P/1- Quem ficava lá, era quem tinha mais dinheiro?

R- Os que tinham mais dinheiro iam pra Campos do Jordão, que era mais chique, né? E tinha os (longa?) que se falava aquela época, né? Tosse, bronquite e rouquidão. São José dos Campos, Campos do Jordão. Os mais riquinhos tinha os sanatórios de Campos do Jordão, né? Aquelas casas melhores, ia tudo pra Cam... Os pobres ficava tudo aqui. E os pobres, coitados, moravam naquelas pensões, eram jogados pelos parentes, né? E tinha um quadro tétrico, assim de manhã, às 10 horas, quando saía o sol, tinha essas cadeiras espreguiçadeiras, que a gente hoje usa na praia pra tomar sol, né? Então tinha lá os tuberculosos tudo magro, carcomido, eles punham o roupão, assim, e ficavam..

P/1- Na rua isso?

R- Na rua, na calçada.

P/1- Na calçada.

R- Na calçada, tudo ali, tudo na calçada.

P/2- Nas varandas.

R- Não era nem varanda, tinha varanda nas casas, mas não era não. Era calçada, mesmo. Ficava lá na calçada e a gente pra ir pra escola, passava perto, tal. E você via eles lá, (som de tosse). Pegavam, chamavam de escarradeira, né. Abria assim, tuc, e guardava aqui embaixo. De noite eu escutava eles gemendo de dor: "Ai, ai." (riso)

P/1- E sua mãe não tinha medo, não recomendava? Quais eram as recomendações?

R- Recomendava, minha mãe só recomendava isso: "meninos, não anda descalço e não conversa com quem vocês não conhecem e pá, pá, pá." E tudo bem.

P/1- Você tinha que conviver com isso, né? De certa forma vocês estavam aqui...

R- É, mas a gente vai adquirindo imunidade, por causa do bacilo de Koch. Então a gente tinha imunidade, muito difícil você ter um Joseense tuberculoso. A gente era imune.

P/1- Tinha um comércio, assim, ligado a essa coisa de tuberculose?

R- É os sanatórios, né?

P/1- Então, fora os sanatórios? Tinha alguma coisa, assim, por exemplo, sei lá, lençóis vendia muito mais porque tinha as pessoas...

R- Não, não. Não tinha nada, assim, específico. São José era muito ruim, não tinha nada.

P/1- Não tinha nada.

R- O comércio era precaríssimo, né?.Então tudo que se precisava ia buscar em São Paulo.

P/1- Isso na época que você era garoto?

R- Na época que eu era garoto. Anos 40, 35.

P/1- Tudo ia buscar em São Paulo? Tudo?

R- Tudo. O meu oculista era de São Paulo, os meus óculos eram feitos na casa \_\_\_\_\_ ali na Praça Patriaraca. Minha roupa, comprava no Preço Fixo, numa loja (Cliker?). Sapato era Clark, tinha que comprar na Rua São Bento e na Rua Direita. Tudo, tudo era São Paulo.

P/1- E vocês iam de trem para São Paulo? Ou não?

R- De ônibus.

P/1- Ah, aí era de ônibus? Anos 40, de ônibus?

R- Íamos de ônibus. Era um ônibus da empresa de ônibus Cabrilana.

P/1- Cabrilana.

R- Cabrilana era aqui de São José, ônibus azuis, a gente ia, eram 3 horas e meia de viagem, daqui a São Paulo, por terra. E, então, aqueles que viajavam mais tinham aquele, eles usavam porta-pó, não sei como é que chamava.

P/1- Guarda-pó.

R- Guarda-pó, que eles vestiam assim

P/1- Porque era muita poeira.

R- Muita poeira, nossa.

P/1- Mas era uma farra, você moleque. Ia... quem ia, você, seu irmão, sua mãe, seu pai?

R- Isso.

P/1- Mas era uma farra pra você?

R- Sabe por quê? Nós tínhamos nosso tios, né, eles moravam em São Paulo. Então, quando a gente precisava ir a São Paulo: “oh, fulana, vou indo aí” “Pode vir, olha, traz batata, traz manga, traz...” (riso) Então, também servia pra isso, pra levar as coisas.

P/1- Fala um pouquinho da tua escola, que lembranças você tem da escola, quando você era garoto? Era boa a escola daqui?

R- Bom, eu primeiro comecei, a escola primeira que eu fui, foi o colégio de freiras. Não tem um \_\_\_\_\_ do Monsenhor, do Santo Padre.

P/1- Tem Santinho.

R- Então, foi lá. E foi lá que eu comecei a tocar piano, com a irmã Josefina. Ela que me ensinou os primórdios. E ali era muito interessante, né? Os meninos pra cá e as meninas pra lá. Não podia de jeito nenhum, mas nem olhar, quanto mais conversar. Nem pensar, né? E os meninos, eles aceitavam, só se fosse de família muito ilustre, muito conhecida, mas só até o segundo ano primário. Você fazia, né, o infantil, o primeiro ano, segundo, terceiro, começava a criar barbinha, pelinho em baixo do braço, mandava embora, que era perigoso, né?

P/1- Como é o nome dessa escola, você lembra?

R- Externato São José.

P/1- Externato São José.

P/2- Que agora é o Instituto São José.

R- Isso, Instituto São José. Uma beleza de escola, uma escola muito boa, muito bonita.

P/1- E aí, os meninos iam estudar onde?

R- Tinha o Grupo Escolar Olímpio Catão.

P/2- Que era na \_\_\_\_\_ Câmara Municipal.



R- Não. Não. Era defronte à Câmara Municipal. O Grupo Escolar Olímpio Catão, por isso que eu queria estar com o álbum pra mostrar pra você. O Grupo Escolar Olímpio Catão foi o maior crime arquitetônico que se poderia ter feito com a cidade. Mesma coisa de terem arrasado, destruído o Coliseu de Roma. Tirando as devidas proporções, é evidente. Então o Olímpio Catão era um prédio lindo, tinha as estátuas em cima, cheio de estátuas de mármore, importada. Que foi de uma família muito rica, que ele trouxe a família pra cá, porque parece que a esposa estava doente, e tal. Ele construiu em estilo mourisco, sabe? Um prédio, um tesouro arquitetônico. Como é a antiga Câmara Municipal. Que pra mim é o prédio mais, como se diz, mais... marca mais a cidade, né? Aparece aquele prédio você já sabe que é São José dos Campos. Eu lembro que Catão era a mesma coisa, mas no governo Jânio, acharam de derrubar e fizeram aquela maravilha que está lá agora, né? Que você nem.. Foi muito triste.

P/1- Aí você, então, no terceiro ano tinha que ir pra esse grupo e aí seguiu?

R- E aí, então eu fui. Daí eu fui pra esse prédio, onde era, chamava-se Escola Normal Livre. Então ali tinha o primário. Tinha o terceiro ano, o quarto ano, a quarta série e depois a gente passava para, para o ginásio. Daí tinha o primeiro, segundo, terceiro, quarto ano do ginásio. Então, todos esses anos eu fiz lá no, que depois passou a chamar-se Coronel João Cursino. Que era o prefeito, foi o prefeito de São José e foi aquele prefeito que trouxe o meu avô pra cá, era o Coronel João Cursino,

P/1- Ah, tá.

R- Que eu esqueci de falar o nome dele.

P/1- Ah, tá. Que é um nome, também, bem conhecido em São José.

R- Muito. Essa rua aqui atrás chama-se Coronel João Cursino.

P/1- João Cursino, é. E material escolar, comprava aqui? Ou também não? Caderno, caneta. Ou tinha também que buscar em São Paulo?

R- Não, aqui a gente comprava. Nós tínhamos as papelarias aqui.

P/1- Isso já tinha?

R- Já tinha. E lápis, (sei lá era?) coisa muito simples, era lápis, borracha.

P/1- Tá. Você diz assim o grande comércio, né, roupas, sapato, você não lembra de ter aqui.

R- Sim. Mas os livros, os livros passava tudo de um pro outro.

P/1- Ah, sim.

R- Não tinha esse negócio de estar mudando de livro, não. Os livros de história, os livros que eu estudei era tudo dos meus primos, de mais de 10 anos, né? Passava um pro outro.

P/1- E na sua juventude? Agora quero que você conte um pouquinho da juventude, de bailes, companheiros de juventude. \_\_\_\_\_ São José.

R- Eu ia sempre... Nosso esporte predileto aqui em São José era jogar pelada, jogar futebol de rua. E eu fui dono de um time. Eu sempre fui metido a ser chefe, maestro, essas coisas, sempre. (riso) E eu era o dono da bola, né, porque em São José, eu fui o primeiro a ter bola com válvula, que nem enche pneu. Que antigamente você pra encher, era no capotão, né? Que saía o bico pra fora, assim, (barulho de soprar), você tinha que amarrar, tinha que enfia dentro, fazia isso que está aqui, assim, costurava, agora você jogava aquela bola. Imagina aquela molhada, com areia e você dar uma cabeçada bem aqui, nesse... né? Aí veio uma bola mais leve e eu fui o primeiro a ter essa bola de válvula. Então todo mundo me puxava o saco. (riso) Então a gente ia jogar bola, tal, e os times principais queriam que \_\_\_\_\_.

P/1- Como chamava o seu time?

R- Esporte Clube Humaitá. Porque eu morava na rua Humaitá. Era preto e branco.

P/1- Alvinegro.

R- Alvinegro. Então eu jogava futebol. Ah, era de manhã, de tarde e de noite, só futebol, futebol, futebol e nadar no Vidoca. Esses eram nossos esportes prediletos. E à noite, após o jantar, a gente se encontrava pra ou pra contar piada, ou pra jogar bola de gude, ou pra jogar pião, ou nós tínhamos um negócio de correr e prender, que chamava soldadinho salvar. Soldadinho salvar. \_\_\_\_\_ Soldadinho salvar. E assim..

P/1- Como que era, prendia e saía correndo? É um pega-pega?

R- É, é. Você tinha dois times. Tudo saía correndo, então você corria atrás, prendia e ele ficava preso, né? E aquele que ficava preso, eles

ficavam tudo de mãos dadas. Então, sempre tinha um mais esperto que se escondia, então, né? E quando o guarda que estava segurando os prisioneiros se distraía, ele vinha por trás e batia assim.

P/1- Aí, quando batia soltava.

R- Por isso que é Soldadinho salvar.

P/1- Tá.

R- Salvou. Baaa...

P/1- Aí saía todo mundo. Começava tudo de novo.

R- Começava tudo de novo.

P/1- Isso quando você já era rapazote?

R- Já, com 15 anos, 14, 15 anos.

P/1- Então mas aí, nessa época, você foi trabalhar na Cerâmica?

R- Sim.

P/1- Como operário?

R- Como operário.

P/1- Quem que te ensinou o serviço, Sergio? Sua mãe.

R- Não. É até uma queixa que eu tenho dos meus pais, eles não deram muita pelota pra mim, não.(riso). Me largaram lá, como um simples operário. Eu achava que por causa de ser filho do dono \_\_\_\_\_, meu pai fosse me ensinar a gerir a fábrica, né? Mas não. Então, o que que aconteceu? Aí que tem, também, um negócio muito interessante. Aquela época, o chique, a nossas férias era em Caraguatatuba. Eu descí a primeira vez, em Caraguatatuba em 1935.

P/2- E como é que o senhor descia?

R- Nós íamos de carro até Paraibuna. De Paraibuna até o alto da serra a gente ia de carro. Era um Ford 35 do senhor Francisco César Leite, chamado de Chico Garganta. E lá, quando chegava no alto da serra, tinha uma fazenda. Essa fazenda alugava pra gente cavalos e burros pra gente descer a serra pela trilha. Levava 4 horas, de estrada, trilha.

P/1- Isso 35?

R- 35. E eu tenho as fotos, também, viu?

P/1- Tem mesmo? Fotos de vocês descendo?

R- Opa.

P/1- E como é que era, era a família toda que ia?

R- Não. Aquilo foi, essa primeira vez, foi, meu pai ficou trabalhando, foi minha mãe, meu irmão, eu, mais dois primos e mais um tio.

P/1- Aí foi. Esse Chico Garganta, que você está dizendo, ele tinha um serviço é isso? De transporte...

R- De ônibus, transporte. Depois, a primeira linha de Caraguatatuba a São José dos Campos foi dele.

P/1- Tá.

R- Chamava Expresso de Prata. Era do...

P/1- Fazia São José...

R- São José, Paraibuna.

P/1- Paraibuna.

R- E depois, Paraibuna Caraguatatuba.

P/1- Que ano? Lembra mais ou menos?

R- 30 e..., 38 acho.

P/1- 38 já tinha então... Então está, aí...

R- 36, 37, 38, por aí. E era só... Daí já tinha, já abriram a, já tinha a estrada Mas era todinha de terra, né? E era um inferno, né? Quando chovia, só lama. “Ah, não chegou.( Tá lama, parado.?)”

P/1- Vocês iam em cima do cavalo, do burro ou vocês iam andando?

R- Em cima do cavalo, não, em cima do cavalo.

P/1- Em cima.

R- Em cima, mas não era, assim, galope. Era devagarinho, pec, pec, pec, pec.

P/1- Era a trilha dos tropeiros? Ou não?

R- É, trilha. Ia pela trilha. E chegava em Caraguá.

P/1- Cruzava com tropeiro no caminho?

R- Tinha. Cruzava.

P/1- Os caras que vinham do litoral?

R- Sim, claro \_\_\_\_\_. Lá eles pegavam muito palmito, né? Vendia-se muito palmito. A mata era linda, né, formidável. Mas chegava em Caraguatatuba não tinha nada. Caraguatatuba era uma farra. Não tinha luz elétrica, não tinha telefone.

P/1- Mas o que que vocês tinham lá? Uma casa que vocês ficavam?

R- É, a gente ficava numa pensão, né?

P/1- Ah, pensão.

R- Mais tarde, depois que abriu a estrada, então, a minha família, que era muito conceituada aqui. Era a família Bonadio, Weiss, Cará, Becker, (Rumbau?) e mais uns amigos, Florense, Mudá, Dr, Dória. Então a gente, São José, invadiu Caraguatatuba. A gente...

P/2- Aí, todo mundo construiu sua casa de veraneio.

R- Isso. Exatamente. Todos tinham sua casa, então o gostoso era a gente era descer pra Caraguatatuba. Isso foi tudo pra mim fazer um parênteses, pra mim contar, então do que aconteceu comigo na Cerâmica Weiss.

P/1- Pois é.

R- Então eu já tocava piano, o pessoal já me conhecia. “Serginho, \_\_\_” E lá em Caraguatatuba, como não tinha o que se fazer à noite, tinha o Praia Hotel. E o Praia Hotel tinha um piano. Um piano desgraçado de ruim. Mas estava lá o piano. Então chegava de noite, a turminha ia me caçar, pra... ia ser seqüestrado.” Serginho, vem pra cá, Serginho.” Os danados não me davam nem um tostão, né? Tinha que tocar de graça, mesmo. Então ia pra lá e tocava: “toca aquela, toca aquela, toca aquela outra.” E ali, o pessoal dançando, quando chegava 10 horas, né? Que a música, tinha lá aquele motor, lá como é que chama? Dínamo. Como é que é?

P/1- Gerador?

R- Gerador. Então você escutava o gerador, tum, tum, tum, tum. E a luz também fazia assim junto, tum, tum, tum, tum, tum. Quando era 10 horas avisava, né? Uóóóóó. Que era apagar a luz pra você ir embora pra casa. Daí apagava a luz, o pessoal acendia a vela, o pessoal continuava tudo dançando e o Serginho: “toca mais esse.” (riso)

P/1- Que tipo de música você tocava? Anos 30, é isso?

R- Ah bolero, né?

P/1- Ah, bolero.

R- Bolero e samba-canção. E sambão, né, aquele samba bem batucada. Ary Barroso. E muita música italiana, a gente tinha que tocar, também. Mas,....

P/1- E aí, você foi pra fábrica?

R- O que que aconteceu? Daí, aqui em São José, foi quando nós fundamos o Tênis Clube.

P/1- Ah, tá.

R- Em 49, o Tênis Clube foi fundado em 48, mas o fato foi em 49. Que aí a gente construiu um pequeno barracão lá, uma sedezinha. E lá tinha um piano, também maldito piano ruim, das cordas \_\_\_\_\_, desafinado, mas estava ruim o piano. E uma bela noite, tinha um salão bem precário, era tudo muito rústico. E eu lá, tchac, tchac, tchac. Foi chegando um com o pandeiro, foi chegou outro com o violão, e outro não sei o quê. Fizemos uma batucada. Pra você ver como são as coisas. Daí chega a diretoria do clube. “mas esse barulho aí está muito bom, volte amanhã.” A gente ficou animado, voltamos no dia seguinte. Daí, todos os meus amigos queriam subir no palco pra tocar, também, né? “Ah eu tenho violão em casa.” “Ah, eu tenho pistão.” “Ah, eu tenho bateria.” “Ah, meu pai tem não sei o que.” Então, tinha um jipe do meu pai. Eu pegava o jipe, saía, catei tudo. Daí já começou, porque eu sempre gostei das coisas bem organizadas, né? Então a gente começou a tocar e o clube sempre elogiando, e foi criando nome. “Tem uma rapaziada que toca lá no Tênis, o rapaz, pessoal do Serginho, tal.” E enchia de gente, que isso aqui era a grande novidade. Porque acontecia naquela época, as bandas de baile eram todas copiadas das americanas, eram os Jazz Bands.

P/1- Os Jazz Bands, hum, hum.

R- E era sempre aquilo. Era 3, 4 sax, 2, 3 pistões, 2,3 trombones, contrabaixo, guitarra elétrica, piano, bateria, cantor e cantora. A formação era sempre igual e todos eles eram senhores, de mais de 40 anos e todos eles tocavam atentos na partitura, né? Sérios.

P/1- Isso.

R- E de terno azul marinho, com gravata borboleta. E que que aconteceu conosco? Aos poucos a gente foi evoluindo. E chegou a diretoria e falou: “o próximo baile vocês que vão fazer.” “Mas como que nós vamos fazer o próximo baile.” “Vocês que vão fazer, já dispensamos.” A orquestra de Jacareí que ia tocar chamava-se Fila-bóia. Fila-bóia. Orquestra de Jacareí tinha a Verano e o Fila-bóia. “Já dispensamos o Fila-bóia, vocês que vão tocar.” Nossa, pessoal, então vamos ensaiar, vamos ensaiar. E já fomos e: “você tem sapato preto?” “tenho.” “você tem meia branca?” “tenho” “tem calça azul marinho?” “tenho.” “tem camisa social colarinho branco?” “não.” “então, espera aí, vou comprar pra você.” E mandei fazer umas gravatinha azul. Então, quando entramos no palco pra tocar, eles já levaram um susto, porque não estavam acostumado com aquilo. Todo mundo igual, uniformizado. E como que nós tocamos? Tudo decorado. Eu não permitia música na frente. Então as músicas eram de cor, todos tocávamos em pé, sorrindo pro público e se movimentando.

P/1- Ah, novidade total.

R- Mas foi novidade total, uma loucura.

P/1- O que que tinha na banda, então?

R- Tinha eu de piano.

P/1- Isso.

R- E tinha um instrumentinho do lado, que é um teclado, que chamava-se Solo \_\_\_\_\_. Na frente que eu tocava, também, tinha um que chamava-se vibrafone que eu parei da \_\_\_\_\_. Daí tinha um piston, tinha um sax, tinha um acordeom, tinha uma guitarra elétrica, tinha um contra-baixo, bateria e um ritmista.

P/1- Bastante gente.

R- E dois 14. Eram em 10, não é? E daí, então, quando fomos fazer aquele baile, nós tínhamos a rádio clube, aqui em São José, a primeira da cidade. ZYE 5 Rádio Clube São José dos Campos. Então, eu mandava no rádio, nossa, era querido lá, tocava a hora que queria. Eu fui lá pra anunciar. Chamava-se Zefino o locutor. “Zefino, anuncia aí que nós vamos ter um baile no Tênis Clube, “Tênis Clube? Baile? Ah, sim, que dia vai ser?” “Dia 28 de junho.” “E quem que vai tocar?” Falei: “nós.” “Nós? Nós quem?”

P/1- Nós quem?

R- (riso) Nós quem? Daí, eu me lembrei do Biriba. Do Botafogo, lembra? Você chegou a lembrar, não sei, vocês são muito novas, acho que vocês não lembram. O Botafogo de futebol e regatas, do Rio de Janeiro, não ganhava o campeonato há anos. E arranhou um cachorrinho, um fox rabricó, chamado Biriba. E o Biriba era mascote do Botafogo. E eu como era atleta, eu fui jogar defendendo a seleção de basquete de São José, nos Jogos Abertos de Cambuquira, e lá estava a delegação do Botafogo e o grito de guerra deles era Biriba “Biriba, biriba, biriba, biriba. E depois aqui, em todo lugar, se brincava muito, assim: “cadê aquela camiseta que eu deixei aqui?” “Ah, eu não fui.” “Foi você?” “Não, não foi.”

“Então, foi o Biriba.” “Cadê aquela xícara que estava aqui, sumiu, mas quebraram a xícara, quem foi, foi você?” “Não.” “Não.” “Então, foi o Biriba.” O Biriba é uma espécie de saci, né?

P/1- Tá.

R- Saci Pererê. E daí, quando nós fomos lá. O locutor falou: “quem que vai tocar?” Falei: ‘nós.’ “Nós quem?” E agora: “Biriba” “Ah, Biriba, é. Biriba o que?” “Boys, né?”

P/1- Biriba Boys.

R- E assim surgiu Biriba Boys. Você viu que coisa?

P/2- Foi bem, assim, espontâneo, na hora.

R- Foi, foi espontâneo. O Biriba surgiu, sabe? Não foi nada estudado. Foi uma coisa espontânea. E desde o começo eu sempre fui muito caprichoso, exigia disciplina, não deixava beber e tudo, nossa. Fumo não existia, não tinha nada e a gente era inocente demais.

P/2- Como que a Banda Biriba Boys fazia em questão de transporte, quando começou a fazer os bailes, assim? Quem que, como que vocês alugavam, alguém tinha carro, era táxi, Kombi? Como é que era?

R- Naquele tempo não tinha Kombi, então o meu pai tinha, eu tenho a foto também, viu? Ele tinha um jipe, chamava-se Land Rover. Então, a gente enfiava os instrumentos, porque ele era fechado, né? E algum deles tinham o carro do pai, do irmão e ia com o carro. Eram sempre duas conduções que a gente ia pra fazer o baile. Até que depois, eu mandei construir um... (interrupção) Vai ver quem é, estão pregando alguma coisa na parede.

P/1- É nada, eles batem carne aqui em cima. Tudo bem, vamos lá. Então tá. Então, tinha o carro.

R- Daí eu mandei construir um reboque, um trailerzinho. E aqui no Brasil não tinha trailer.

P/1- Por que nós estamos falando do que? Anos 50?

R- É. Anos 50.

P/1- Começou 49.

P/2- \_\_\_\_\_.

R- Não, mas que trailer. Não tinha trailer. Então eu mandei construir um trailer que eu copiei de uma revista americana. Muito bonitinho, né? E nos trailer, então, cabiam todos os instrumentos. A gente engatava no carro da minha família, também, que era um Ford, Ford 50 e ia embora. Quatro aqui na frente, quatro aqui, os instrumentos e ia o Serginho na Dutra.

P/1- Ah, já na Dutra?

R- Já era Dutra, uma pista só. Que inaugurou em 50.

P/1- Tá. Então eu quero voltar uma coisa? O Biriba Boys tocava por aqui, pelo Vale.

R- Sim, o primeiro baile que nós fizemos foi em Caçapava. Em 1953

P/1- Então, já andando pela Dutra?

R- Já pela Dutra. 1953.

P/1- E como é que era?

R- Foi o primeiro baile.

P/1- 53. Como é que era?

R- O baile?

P/1- Não. A Dutra. O movimento... Depois você conta do baile.

R- Não. Não tinha movimento nenhum.

P/1- Nenhum.

R- Normalíssimo, né? Era uma pista só. Já imaginou, hoje. A Dutra.

P/1- Então tinha gente meio... Tinha, mas não era muito.

R- Não, estava começando o pessoal não estava nem acostumado, ainda.

P/1- O pessoal andava ainda pela outra, Sergio, mesmo tendo a Dutra?

R- Não, não. Começou... Sim. Só de uma cidade pra outra, né? De Cruzeiro pra Cachoeira, de Cachoeira pra Lorena, então ainda se usava, de Taubaté pra Pinda, né, de São José pra Jacareí, ainda se usava a estrada antiga, a estrada velha. Mas depois que surgiu a Dutra foi uma beleza. Então, íamos nós lá. Quando chegava com o reboquinho, lá, tudo bonitinho, moderninho, escrito Biriba Boys, não precisa nem tocar, porque já tinha feito sucesso.

P/1- Então conta desse primeiro baile. Foi em Caçapava.

R- Foi em Caçapava.

P/1- Aonde foi em Caçapava?

R- Foi no Clube Literário, no centro da cidade. E olhe só o que aconteceu. Naquela época, todos os clubes tinham a sua banda, né, o seu Jazz Band, que chamava, né? E Caçapava tinha, o Jazz do (Sexto Af?), todos militares. E nós fomos tocar do outro lado do salão, o Jazz do (Sexto Af?) estava tocando, é... (Monlady Serenate?), não, lanque, não sei, era um clássico do \_\_\_\_\_, não sei o que em Nova Iorque, né. La, la, la, ri, la, la, pa, pa, pa, pi, pa, pa, pa. Muito bem tocado. Eles impecavelmente vestidos, tudo certo, tocando aquilo tudo. E nós subimos a escada. Sapato branco, calça branca, camisa branca bufante, assim, tudo cheio de flor, cheio de coisa, uma faixa azul aqui. (riso) Quando entrou no salão, já, né? Já ganhamos o povo na hora, né? Porque numa cidade \_\_\_\_\_, eles estavam cansados de ouvir aquela banda, eles tocavam muito bem, eram excelentes, mas estavam cansados deles. Já conheciam o repertório inteiro, né? E quando nós começamos, era com instrumentos diferentes, com sons diferentes. Ah, mas foi um delírio, foi um delírio. Aplausos e abraços. E que que aconteceu, o Jazz Band não quis voltar a tocar. “Não, esses moleques nós não vamos voltar tocar, não. Eles que acabem com o baile.” (riso) E assim era em toda a cidade. Então o que aconteceu? Em Caçapava tinha um pessoal de Taubaté, que viu, gostei, levou a gente pra Taubaté. Em Taubaté tinha um pessoal de Pinda, que viu, levou a gente em Pinda. E em Pinda tinha um pessoal de Guará que levou a gente. E assim foi \_\_\_\_\_?

P/1- E o Biriba Boys durou, então, até quando?

R- Até hoje.

P/1- Até hoje? Que maravilha.

R- Eu fiz um baile com eles. Eu fiz um baile...

P/1- A mesma turma?

R- Não, morreu tudo, né?

P/1- Ah, Sergio. (riso)

R- Morreu, ficou velho, desistiu. Não. É que nem o time do Santos, né? Você quer o Santos do Pelé, e o time.

P/1- Você não vai falar do meu time.

R- Não. Eu adoro o Santos, quem não gosta do Santos.

P/1- Estou brincando.

R- Do Santos \_\_\_\_\_. Mas não é o Pelé. Mas claro que não é. O Biriba Boys, mas não é. É claro que não é, mudou, agora é diferente, é outro papo. Mas eu fiz um baile com eles agora, no \_\_\_\_\_, está fazendo 20 dias, Sergio Weiss e Biriba Boys.

P/1- Olha.

R- Eles estão em Taubaté, agora. Eu vendi pros músicos, né? E um saiu, outro desistiu, outro morreu e um só ficou com ele, que é o Tarzan, João Sidnei Jacobino, e ele que está levando o Biriba Boys. Eu acredito que o Biriba Boys deve ser o conjunto de baile mais antigo do Brasil. O Biriba Boys deve ter feito mais ou menos uns 6 mil bailes.

P/1- Nossa, Sergio.

R- Eu com eles eu fiz 4 mil, né? O slogan é Sergio Weiss, 4 mil bailes.

P/1- Eu estava vendo na revista.

R- Mas o Biriba passou essa...

P/1- E qual é hoje o repertório do Biriba, você sabe?

R- Tudo.

P/1- Tudo, também

R- Tudo. Conforme o baile, porque hoje fazer um baile está muito difícil. O nosso tempo, não. O repertório era sempre o mesmo. O pessoal gostava de dançar de rosto colado, a música baixinho. E sempre temas de amor, de filme, não é? Casablanca, né? La,ri,la,ri, la,ra. La vie en rose. La, la, ri, la, la. Puxa vida, eta, nossa senhora.

P/1- Então você toca com eles de vez em quando?

R- Toco.

P/1- Ai que gostoso, Sergio.

R- Tocamos juntos, de vez em quando a gente faz uma apresentação juntos, sim. E eu continuo, eu agora... eu fiz um CD, né? Que abre o CD com Minha Cidade São José, e depois tem música minhas e sucessos. Do (Dick Farney?), por exemplo, começa com Copacabana, Marina, aquelas músicas que... Vocês vão ganhar um CD meu, viu? Quando forem lá em casa.

P/1- Opa. Então, está bom, Sergio. Eu quero voltar a falar da Cerâmica Weiss

R- Então, vamos.

P/1- Você, então, começou a trabalhar lá, já tinha a loja?

R- Ah, você viu como é que eu fui.

P/1- Viu como a história maravilhosa? Viu como é gostoso?

R- Então, o que que acontecia? Eu trabalhava na Cerâmica Weiss, e ganhava, vamos dizer, o correspondente hoje a 500 reais, por mês. Então eu trabalhava 20 e tantos dias, levantava 7 horas da manhã, fim do mês, quinhentinhos. Bom, primeiro baile que eu fiz em Caçapava eu já ganhei 800. E cada baile que eu fazia fora, eu ganhava mil, mil e duzentos. Então eu falei "Cerâmica Weiss, bye bye pra vocês."

P/1- E os eu pai, sua mãe? Não ficaram bravos?

R- Não gostaram muito não. Mas eles sabiam que eu era músico, que eu tinha tendência, que eu gostava. E eu sempre fui muito firme. Vai isso aí mesmo. E daí começaram até a me ajudar, me deram alguns instrumentos, me incentivaram. Mas e daí eu fiz carreira profissional eu percebi que era por aí, que tinha uma estrada enorme pra mim, né? Como aquele pessoal era burro, não. Eta, aqueles músicos, eles não enxergavam nada, eles não enxergavam um palmo na frente do nariz e eu enxergava cinco quilômetros na frente, e eles não enxergavam ali, né? Então, tudo que eu fazia era novidade, todo mundo me imitava. Então cada lugar que a gente ia tocar, meses depois surgiu não sei o quê Boys, lá. Em Guaratinguetá, era o (Kuman?) Boys. Em Lorena, era o Big Boys. Em Volta Redonda era o Still Boys. E tudo Boys. E tudo imitando, tinha que ser tudo jovem, e camisa alegre, e tocando daquele jeito, tudo de cor, sem olhar. Sabe, a gente fez escola. Se fosse no tempo de hoje, da mídia, tinha sido uma revolução. Claro que em termos muito menores, mas seria uma espécie de Beatles, viu? Me desculpe a falta de modéstia. Foi uma coisa de louco.

P/1- Nessa época que você deixou de trabalhar, já tinha a loja de fábrica da Weiss?

R- Não. Não. Não. Isso daí já tinha o Biriba Boys. Isso foi em 60 e... será que foi depois da revolução? Acho que foi, 60 e tantos. Daí o meu irmão, meu pai já estava se afastando da cerâmica, minha mãe também, já estava velhinha. Meu tio, tal. E meu irmão que começou a tomar conta, o Leopoldo, casado com D. Isa. E meu irmão sempre foi, assim, muito atirado, sempre quis fazer coisas. E nós tínhamos essa Casa das Louças, bem no centro ali de São José, onde hoje é o Banco Mercantil, perto do Bradesco ali naquela praça, chamava-se Casa das Louças. Então a gente vendia, porque nós tínhamos três fábricas de louça aqui em São José. Uma que foi a primeira, que era a Santa Eugênia, depois uma segunda desse meu tio Conrado, que fez a Cerâmica Conrado e tinha a Cerâmica Weiss. Então, lá na Casa das Louças nós tínhamos todos os tipos de louças. Então todo o pessoal de fora, que vinha aqui em São José, já era uma coisa, assim, natural, característica, era automático. Uma visita ou na Cerâmica Weiss ou na Casa das Louças. Pra levar uma lembrança de louca de São José. E uma visita, também, na Tecelagem Paraíba, pra se levar uma manta. Então quem vinha em São José, a marca registrada era uma manta da Tecelagem Paraíba e uma louça da Cerâmica Weiss.

P/1- Quer dizer, o pessoal de passagem?

R- Ah, sim. Os turistas. Os chamados turistas. E muita gente também que ia a Campos do Jordão, que daí Campos do Jordão entrou na moda, né? Ademir de Barros inaugurou lá o palácio, tal. E o pessoal tinha que passar aqui por São José, né? Porque não tinha estrada que vai por Taubaté agora, né? Então passava por aqui, que ia Combuquira, São Francisco Xavier. Então esse pessoal todo parava pra comprar as coisas nossas aqui.

P/1- Então, Sergio, mas São José era passagem. As pessoas não ficavam em São José.

R- Passagem Não, não. Era passagem Não ficavam

P/1- Nos anos?

R- 50.60.

P/1- 50, 60.

R- Agora, depois da Dutra, do CTA, do ITA, daí mudou tudo, né? Aí começou a industrialização verdadeira que foi a vinda da GM, da Jhonson, da Ericsson, né? Essas fábricas todas que (segurando?) o impulso, e o prefeito Sérgio Sobral de Oliveira, também, que preparou a cidade pra... Também deu \_\_\_\_\_.

P/1- Quer dizer, a Dutra não mudou, você acha que a Dutra, assim, não mudou a cara da cidade. O que vai mudar é um período posterior?

R- Não. A Dutra mudou. Ô.

P/1- Mudou? O que que mudou?

R- Radicalmente. Mudou tudo, tudo. Daí São José passou a, daí o pessoal pra ir pro litoral tinha que passar por São José também, né? Pra ir pra São Sebastião, pra Ubatuba.

P/1- Começou a ter comércio na estrada de repente.

R- Ah, sim. O grande impulso de São José foi primeiro a Dutra. Depois o CTA e o Ita. Depois as indústrias, que eu já falei, não é? E Sergio Sobral de Oliveira, que foi o grande impulsionador do progresso de São José, que ele percebeu e ele preparou a cidade pra tudo isso que está aí.

P/1- Então, pegando um gancho. São José, que não tinha nada, que você mesmo estava dizendo pra gente, então de repente, ela nos anos 50 começa a ter.

R- Começa a deslanchar.

P/1- O que que ela começa a ter? Um comércio mais forte.

R- Tudo.

P/1- A pavimentação. Tudo?

R- Tudo, tudo. Começou a fechar as pensões de tuberculosos. A escolaridade melhorou, daí nós já tínhamos os cursos, né? O científico, o clássico. E já se abriu, também logo em seguida, a faculdade de odontologia, né?

P/2- A faculdade de direito.

R- A faculdade de direito, também, né, também já abriu. Então daí, São José começou a pegar ares de cidade... Daí o comércio já começou a evoluir, já tínhamos ótimos restaurantes, começamos a ter bons hotéis. Esse hotel aqui foi um dos pioneiros, também, o (Pena?) Isso aqui acho que é de 62, 65. Sei lá.

P/1- Sergio, você conheceu a Casa Diamante?

R- Muito.

P/1- Conta da Casa Diamante

R- Ah, a casa Diamante era o nosso paraíso.

P/1- Por quê Sergio? Todo mundo fala.

R- Ah, que gostoso que era a Casa Diamante.



P/1- Era bonito?

R- Não. Porque São José era uma porcaria, não tinha nada. E na Casa Diamante tinha tudo.

P/1- Tudo o quê?

P/2- Foi uma casa que, vamos dizer, que revolucionou?

R- Não, ela não revolucionou. Ela tinha tudo. Então você queria um relógio. Omega. Lá era Omega. Omega \_\_\_\_\_. Então você ia lá, na Casa Diamante. Você queria um bom perfume, era na Casa Diamante. Você queria um bombom gostoso, era na Casa Diamante. Você queria uma gaiola de passarinho, era na Casa Diamante. Você queria uma boneca pra dar de presente pra sua filha, era na Casa Diamante. Você queria uma bola de futebol. Era na Casa Diamante. Sabe?

P/1- Nossa, Sergio.

R- A primeira Coca-Cola que eu tomei na vida, foi na Casa Diamante. Nossa.

P/1- Tinha uma lanchonete lá dentro?

R- Não. Só tinha, tinha lá, comprava, me dá uma coca-cola. Imagina se aquele tempo ia existir lanchonete.

P/1- Não sei.

R- \_\_\_\_\_. Tinha nada. (riso) Tinha a coca-cola. E era a garrafinha pequena, né? Era um cruzeiro, cruzado, sei lá o que. Ai, aquilo foi o néctar dos deuses, que coisa, nunca tinha sentido aquele paladar, fiquei apaixonado, né? Coca-cola. Delícia que foi.

P/1- E ela era grande, né?

R- Não, ela não era grande. Era uma casa, não era grande. Grande hoje pra nós aqui é Casas Bahia. Você viu o tamanho daquilo lá? E tem duas, né?

P/1- Incrível.

R- Aquela Casa Bahia menor, era dez vezes maior que a Casa Diamante.

P/1- Nossa.

R- Casa Diamante não, era duas portas, vamos dizer quatro portas, assim, né? Um. Dois, três, quatro. Tinha o quê? 50 metros de fundura. Então, cada balcão era uma sessão. Sabe? Então tinha o balcão que era os relógios, depois aqui os perfumes. Aqui, artigos de esportes. Pro lado de cá, então, tinha presunto, queijo, não sei que, bebida, vinho, coca-cola, cerveja, tá, tá. E aqui arroz, feijão, não sei o que, não sei o que. Lá nos fundos era os brinquedos, que você ia escolher os brinquedos. Então era uma miscelânea.

P/1- E tinha vendedores?

R- Tinha, eram os próprios donos. Os donos, pouquíssima gente. Não \_\_\_\_\_. Sabe, eu hoje, quando eu entro num supermercado, num Wal Mart, essas coisas, que eu vejo as meninas de patins andando com uns cheques. Eu fico idiota. Meus Deus do Céu, esse é o meu São José. A minha querida São José dos Campos. Como mudou.

P/1- Mudou, né?

R- É demais. Então, Casas Diamante. Depois a Casa Diamante, então, ela se refinou um pouco porque do outro lado da rua, ela abriu uma filial. Então, lá na filial tinha televisão, geladeira, pianos, bicicletas, disco, lambreta, fogão. As coisas assim mais. Mas aqui se você precisava de alguma coisa, tinha que cair na Casa Diamante, era lá mesmo.

P/1- E a filial chamava Diamante também?

R- Diamante Também. Casa Diamante.

P/1- E durou até que ano, você lembra, Sergio? Anos 60, 50...

R- Eu acho que não chegou até 60 não.

P/1- Não.

R- É, no máximo até 60. Não chegou.

P/1- \_\_\_\_\_

R- Eles tinham aquela mentalidade antiga de comércio, né? E a hora que veio o pessoal de fora, que abriu, então, um supermercado, o primeiro acabou com tudo. Aí foi, a grande novidade foi o Sergio Sobral quem trouxe. Trouxe Lojas Americanas e trouxe o... lá, o Pão de Açúcar, né? Que era o Jumbo Eletro, \_\_\_\_\_ onde é a igreja Universal também era um Jumbo Eletro também. Então, aquilo foi um delírio, uma delícia.

P/1- Eles tinham vitrines, enfeitavam as vitrines?

R- A Casa Diamante?

P/1- Casa Diamante.

R- Tinha. Não eram vitrines. (riso) Vitrine é essa que está aqui. (riso) Então eu gostava de olhar vitrine da Casa Diamante, ia lá.

P/1- Quem comprava lá?

R- Não.

P/1- Só quem tinha muito dinheiro ou era todo mundo?

R- Não. Era um pessoal mais abastado. Porque, aquela época, São José, você tinha... A divisão era muito clara, hoje não, hoje mudou tudo. Hoje você vê pessoal pobre, criança lá no meio, comprando televisão de 29 polegadas a cores. O sujeito tem celular. Naquele tempo, pobre era pobre mesmo, mas não era miserável. Pobre era pobre. Então, a grande meta, né, aspiração do pobre qual era? Formar o filho, ter uma casinha pra morar, casinha de terra mesmo. Você ia na casa do pobre lá, você era recebido vinha aquele cafézinho, com aquela toalhinha branca, o chão de terra mesmo, mas não tinha nem uma sujeirinha. Era um espetáculo. Então o pobre ele se conformava em ser pobre, ele sabia que ele era pobre. E grande inspiração da vida dele era ter uma bicicleta, ter um rádio e formar o filho. Assim eu conheci diver..., mas muitos, muitos, muitos, muitos, muitos, eu conheci Não tinha inveja, porque hoje a mídia é uma desgraça. \_\_\_\_\_ Já pensou aquele coitado do menininho, que não comeu, que está lá em casa, vendo a televisão colorida. Daí vem aquela pizza que eles cortam, assim, escorre aquele queijo assim, depois você tomar junto com guaraná. E ele fala pro pai: "pai, estou com vontade de comer pizza." Como é que faz? E a mídia fica na cabeça do coitado, compre, compre, compre, compre, compre. A televisão podia ser uma coisa maravilhosa, gente. É um meio de comunicação sensacional, ela podia consertar o mundo, mas está em mãos erradas.

P/1- É fogo. Sérgio, me diz uma coisa, além da Diamante que que você lembra de uma loja antiga desse tempo?

R- Lembro, oh, a Casa (Kremer?).

P/1- (Kremer?) tinha aqui também?

P/1- Tinha. Casa (Kremer?)

P/1- Onde ficava?

R- Na Rua Quinze. Era tudo lá.

P/1- Tudo lá.

R- É. Se bem que tinha, nós chamávamos os turcos, né? Em frente ao mercado, na Siqueira Campos, né? Até hoje tem uma lá que você não acredita.

P/1- A Confiança. Do Seu José.

R- Do mesmo jeito, mesma coisa, era aquilo. São José no começo era aquilo que está lá', Casa Confiança. Do outro lado tinha a Casa São Jorge. Depois tinha \_\_\_\_\_, que era Casa Confiança, né? "Ó Serginho, vem comprar, compra baratinho, sem \_\_\_\_\_" (riso) Serginho entrava lá. E quando começou o Birba Boys, que eu queria umas roupas diferentes, né?

P/1- Então, como foi?

R- Não tinha, naquele tempo as roupas de homem, meu Deus do céu, que que é isso? Homem, o máximo que ele usava era isso aqui, azul marinho, isso aqui, tal.

P/2- Coisa mais \_\_\_\_\_

R- Mais que, nem pensar, né? Então eu queria uns panos diferentes, né? E eu ia lá. E daí, o que que eu fazia? Eu comprava pano de cortina

P/1- De cortina?

R- Pra poder fazer camisa. Se você ver, se você lembrar, eu mostro pra você. Pano de cortina “Que é isso, Serginho, pra que que você quer?” Eu né, pegava aquele pano ia na frente do espelho, “deixa eu ver se fica bom.” E o pessoal já olhava meio esquerdo pra mim “Ih, esse rapaz eu não sei não.” Eu punha assim aqueles panos pra ver como que ficava, né? E comprava e mandava cortar, fazer pros músicos, eles não queriam usar. “Não, vou usar esse negócio aí, não sei que, não sei que” “Vai lá sim e não me enche o saco.” E eu sei que fazia sucesso, chegava num baile, a roupa, o modo de tocar, os arranjos, tudo diferente.

P/1- Sergio, já que você falou, você estava falando dos turcos. Como é que foi essa coisa da imigração em São José? Tinha muito imigrante?

R- Muito.

P/1- Tinha muita briga? Árabe e judeu?

R- Não. Imagina, que briga o que.

P/1- Na boa.

R- Não. Ninguém brigava.

P/1- Mas tinha bastante das duas coisas?

R- Muito.

P/1- Conta pra gente.

R- Não. Confundia tudo, pra nós era tudo a mesma coisa. Árabe, judeu, turco, libanês, para mim era tudo, a gente chamava de turco.

P/1- E as outras imigrações, por exemplo japônês.

R- Começou depois, né?

P/1- Mas o senhor tinha amizade?

R- Não tinha. Não japonês sempre foi mais... eles não são de se misturar muito, né? Mas, agora formidável são os italiano e é os português. Ah, Eles entram com tudo, ele vem, eles são amigos, eles recebem, retribuem. E depois o pessoal de fora que veio também foi interessante, nos anos 50, a primeira grande indústria depois da tecelagem, foi a Rhodia. \_\_\_\_\_ Companhia de \_\_\_\_\_, era francesa. Também foi uma revolução, assim, na vida. Porque os franceses vieram e alugaram as melhores casas. Então, quem tinha uma casa boa, alugava pros franceses, né? E os franceses pegavam as melhores empregadas, pagavam como se fosse pagar em dólar, pagavam bem. O pessoal começou a ficar com raiva. “Já sei, vai trabalhar pros francês.” (riso) Ai meu Deus do céu.

P/1- Mas, eu queria então voltar. Aí esse pessoal que, você falou, era generalizado, os turcos.

R- Tudo pra nós, era tudo turco.

P/1- Todos no comércio?

R- Tudo. Tudo, comércio. Às vezes, eles tinham, o \_\_\_\_\_ por exemplo, que tinha fábrica de beneficiar arroz. Tinha outra fábrica de beneficiar algodão. Tinha as torrefações de café. Essas eram as pequenas indústrias de São José. Nós tivemos aqui também, muito importante, foi uma indústria espetacular, acho que foi anos 60. Móveis Z, do Zanine Caldas. O Zanine Caldas ele veio pra São José e a maquete do Maracanã foi construída aqui em São José e eu tenho a foto.

P/1- Você tem todas as fotos. Daqui a pouco eu vou querer saber disso.

R- Toda, não. Mas eu tenho muita coisa.

P/1- Muita foto. Mas eu quero perguntar uma outra coisa pra você.

R- Pergunte.

P/1- Na loja da Cerâmica Weiss ou na Loja das Louças quem vendia? Tinha vendedor especializado?

R- Não, a Dona... me esqueci o nome, a Dona Margarida, não sei. Pegava qualquer um, vai lá, vai lá vender. Vendia, embrulhava tudo em jornal.

Que? Mas... Tinha nada.

P/1- Eram pessoas amigas?

R- Não tinha sacola, essa sacola de plástico que tem hoje.

P/1- Embrulhava em jornal.

R- Embrulhava em jornal. Tinha nada. Caixa pra presente, né? Esse refinamento que tem hoje, né? Tinha nada, era tudo a olho.

P/2- Começou mais tarde.

R- Ah, bem depois. Foi com o exemplo, foi quando começam a vir as... A primeira loja de fora, de cadeia que veio aqui pra São José, foi a Loja Pernambucanas. A Drogasil e Lojas Pernambucanas. Então já começou a ensinar o pessoal como é que tinha que fazer. Mas o progresso foi muito devagar, nós tivemos aqui o Bazar (Bernini?) que era de fotografias. E depois a Casa Verde, do Moisés Kremer. O Alípio Viana. Alípio Viana.

P/1- Essas lojas entregavam mercadorias em casa?

R- Entregavam. Era só pedir. Os bares. Nós tínhamos dois bares aqui que eram os principais. O Marquise e Bar Paulistano. Então a ZYE 5, ela anunciava: "Bar Paulistano, o bar da elite joseense." (riso) E eu pertencia à elite joseense.

R- Você era daqui.

R- Tomar cafézinho no Bar Paulistano. (riso)

P/1- E, na loja a gente já falou, quer dizer era pessoal de passagem.

R- E você comprava tudo. "Serginho, vem aqui, vem, chegou aqui sapato novo, vem cá." "Oh, que bonito, não sei o que." Ele: "Experimenta, experimenta." "A esse está bom, quanto que é?" "Ah, é 30 e não sei o que." "Ah, mas está muito caro." "Não, leva e depois paga, não tem problema."

P/1- É isso que eu ia te perguntar, você pagava depois?

R- Só. A hora que você quisesse, do jeito que você quisesse. Ele marcava lá no livrinho, no fim do mês a gente ia lá. "Só posso dar tanto." "Tá bom. Tá bom. Lembrança papai, lembrança mamãe." (riso)

P/1- E todo mundo se dava super bem.

R- Então, a gente hoje, né? A gente, a gente com esse progresso fantástico da cidade. São José tinha aquele tempo o que? 30 mil, 40 mil habitantes, hoje tem 600 mil. Então a gente perdeu muito privilégio, mas ganhou muito também. Então pra gente comparar, acho que a gente mais ganhou do que perdeu.

P/1- Mais ganhou do que perdeu. Sérgio, queria que você mostrasse essa peça bonita que está aí do lado.

R- É essa aqui foi...

P/1- Isso está ótimo, aí. Tá bom.

R- Foi dos derivados da Cerâmica Weiss. Porque nós estamos falando agora, já, no centenário de São Paulo, vai ser 450 anos, né?

P/1- Isso.

R- E aqui foi São Paulo quatrocentão. Foi feito, olha aqui, quarto centenário de São Paulo. Foi feito para o Instituto Brasileiro do Café. Então, temos aqui um cafézinho, a xícara.

P/1- Sua mãe desenhou essa peça? Não. Você sabe?

R- Foi, foi. Foi minha mãe que desenhou. Tudo passava pela mão da minha mãe. Tudo passava pela mão da minha mãe. O que ela criava de pinturas, de modelos. Ela era uma coisa fantástica. Lá em casa você vai ver. Você vai cair dura, com o que você vai ver lá. Ver coisas feitas pelos operários de São José, feitas aqui, com operários de São José. É muito bacana, você não acredita no que você vai ver lá.

P/2- É, na casa do senhor, tem várias louças, claro, da família do senhor. O senhor tem, porque eu lembro, que a minha família daqui, tem 50 anos que a minha avó está aqui, e que as minhas tias elas tinham uma canequinha de corujinha. O senhor tem?

R- Eu tenho a corujinha.

P/2- Corujinha.

R- E tenho a canequinha que é um esquilo, o bracinho dela é um esquilo. Acho que não era corujinha, acho que era esquilo.

P/2- É, acho que alguma coisa assim.

R- O esquilo que era onde a gente pegava. Está lá. Eu tenho.

P/1- Sergio, não é que eu soube agora que a gente tem um problema e nós vamos ter que estar terminando a entrevista. Depois a gente...

R- Estou perdendo a novela.

P/1- Você está perdendo a novela. Não, já vamos, já vamos.

R- Viu, por sua causa. Agora já perdi, depois a minha mulher conta.

P/1- Eu quero que você conte um pouco dessa coisa dessa sua relação com fotografia que é uma coisa muito marcante, muito forte. Queria que você contasse como isso começou.

R- Começou com o meu tio, Mário Weiss. Esse que é irmão do meu pai, né? Ele era um excelente... eu tenho umas fotos dele lá que você também não vai acreditar. Eu tenho uma foto lá da... Chama-se Lagoa do Frederico, onde hoje é o Paço Municipal, ali era uma lagoa. E eu tenho a foto, o entardecer na lagoa. Um sol assim, ele tirou, né? Ganhava prêmios, concursos de fotografia. E eu aprendi com ele. Então, ia ajudar ele lá. E ficava vendo, tal, ele me ensinou a fazer assim, fazer assado. E eu peguei, também amor pela fotografia. Mas agora eu deixei com a minha mulher. Agora, eu passei pra ela, mais ou menos, tudo o que eu sabia, porque fotografia pra mim... Fotografia é o momento, você não pode perder aquele momento. Isso é que nem condução que passa: "ah, depois eu pego a outra." Fotografia é aquela, você não pode ter preguiça. Está bonito? Aquela flor está linda assim, aquela luz, aquilo tal. Você vai lá em casa e pega a foto. E já pega, a máquina tem que estar prontinha, porque esse negócio de botar o filme e não sei o que. E principalmente o entardecer aqui do banhado, é uma coisa maravilhosa. Mas é rapidíssimo, você tem que estar alerta, e pchi, e clicar. Então eu tenho muita coisa bonita, também, de fotografia.

P/1- Que bom. Você é casado, não é Sergio? Muitos anos, desde quando?

R- Graças a Deus. Nossa, 62.

P/1- Como é que você conheceu a sua esposa?

R- Aqui. O meu casamento é uma coisa muito interessante. Eu não casei apaixonado, por isso que o casamento dura até hoje. Porque a paixão passa. Aquela letra grande, né, T. Então aquilo, né, passa. Agora quando você gosta, você gosta da pessoa, é diferente. Você tem que ter intimidade, gostar das mesmas coisas, de música, de ler, de leitura, disso, não sei o que, não sei o que. E eu tenho isso com a minha mulher. Então, eu não casei perdidamente apaixonado. "Ai, \_\_\_\_\_" Não casei gostando dela. E do jeito que eu gostava aquela época, eu gosto até hoje. Não está certo?

P/2- Está certo.

R- Não está aí o segredo?

P/2- É isso aí.

R- O segredo está aí, você não pode se casar no entusiasmo. "Ah, mas ela é demais." "Ai, as costas dele, porque quando ele põe maiô, que não sei o que." "Porque ela é assim, que ela é assado" Não é nada disso, não. Isso tudo passa, meu amigo. Você tem que gostar, é claro que sexo é muito importante, importantíssimo, né? Mas... o que foi que você perguntou pra mim, mesmo?

P/1- Como que você tinha conhecido a sua mulher?

R- Aqui, ela é de família tradicional daqui. Também de (Tonelli, o Catelli. O Catelli Fonseca?), o pai dela tinha uma Torrefação Café Aurora e Bandeirantes. Torrefação de café. Então quando você quiser tomar um bom café, fala com a D. Helena, que...

P/1- Está certo. Você tem filhos, Sergio?

R- Três.

P/1- Três filhos. O que que eles fazem?

P/1- É, a mais velha, hoje ela toma conta, ela é sócia, com uns argentinos, de um afábrica de cosméticos em São Paulo. Essa é a Marinês, Marinês Fernanda. O Sergio Renato se formou em São Carlos, tem especialidade em plásticos, casou, divorciou, já casou de novo, mas não tem

filhos. Vai indo muito bem, é gerente lá numa sessão dessa fábrica de plásticos. E tem o mais novo que é o Roberto Neto, eu chamo ele de Neto. Eu queria que o meu filho chamasse Neto, então, em vez de botar Roberto Weiss Neto, eu botei Roberto Neto Weiss. Isso é coisa de artista, mesmo, né? Pode um negócio desse? (riso) Roberto Weiss Neto. “Tem certeza, Seu Sergio, não é Weiss Neto?” “Não, não. É Roberto Neto Weiss.” Então todo mundo conhece, “O Neto está aí? Cadê o Neto? O Neto está onde?” O Neto hoje está em São Paulo, está no Rio, aliás. Está tocando. Então foi o único que...

P/1- Que seguiu.

R- ... que seguiu mais ou menos, né? Toca bateria, porque eu sou tecladista e ele é baterista. Ele tem um estúdio, ele faz gravações e vai indo bem, tem uma banda. Vamos ver o que vai dar.

P/1- Uma banda. E você tem uma neta, é isso?

R- Tenho uma neta.

P/1- Linda, maravilhosa.

R- Ana Paula. A primeira.

P/1- Ana Paula, uma gracinha.

R- Judiaçãozinha, coitadinha, o que que ela veio fazer aqui eu não sei. (riso)

P/1- E Sérgio, você nesse tempo todo, meio que essa mistura de comércio com música...

R- Esporte.

P/1- Esporte. Lição principal disso tudo?

R- Lição principal?

R- Que que você tirou dessa, de todas essas vivências tão diferentes que você teve na sua vida? Fotografia...

P/1- Bom, tem uma frase, eu não sei de quem é. Não sei se é Sócrates... Diz que o homem tem que ler um livro, não é, não é isso?

P/1- Escrever um livro.

R- Escrever um livro.

P/1- Plantar uma árvore.

R- Plantar uma árvore.

P/1- E ter um filho.

R- E ter um filho. Eu fiz tudo isso. Então, porque eu tenho um espírito comunitário muito forte e amo São José. E participei tudo de São José, quando o time do São José, eu fui vice presidente do São José Esporte Club. Quando o time do São José subiu pra primeira divisão eu estava lá no Pacaembu, torcendo pro São José. No basquete a mesma coisa, nós fomos campeões brasileiros. O Tênis Clube tinha uma equipe espetacular, até, eu estava lá. E eu fiz música pros atletas Joseenses. Eu era atleta, eu jogava bola, jogava tênis. Eu escrevo nos jornais eu escrevi no Agora e no Vale Paraibano. Eu tinha uma página todo domingo, contando todas essas histórias que eu estou contando pra vocês, eu contava no jornal. Então era um sucesso, (porque?) recordar é viver, não é? Fui comerciante, que tive a loja. E eu fui industrial, porque eu, não falei pra você, mas também tive uma fabriquinha, pequenininha, ali em frente à fábrica da cerâmica. Coisinha micro, fazia umas peças de arame retorcido. E esportista, músico, então eu participei muito da vida de São José pelo meu espírito comunitário. Eu amo a minha cidade, eu amo as pessoas. E a minha grande lição de vida é essa, você tem que levar uma vida, para que o dia que você morrer, você deixe alguma coisa. Eu acho muito triste quando uma pessoa se vai e não deixou nada. “Morreu fulano.” “Quem?” “Ah, o fulano.” “Quem é fulano?” Sabe, não marcou. Quando se fala que morreu, é (Altir Bonesan?), morreu Dr. Dória, morreu Henrique Mudá, morreu Sebastião Pontes Sabe, esse pessoal fez alguma coisa pela cidade. Essa cidade é o que é hoje, que todo mundo tem orgulho dela, mas deve muito a esse pessoal. Aos meus parentes também. Nós fizemos São José dos Campos. Você chegou aqui já viu essa bruta cidade. Mas e a semente? Quem que plantou, quem é que deu duro? Pra... Fomos nós. Então hoje, o dia que eu morrer, eu vou morrer feliz, porque eu sei que eu contribuí para que São José dos Campos fosse hoje o que ela é. A grande cidade do interior paulista.

P/1- Então, tá. E o que você achou de dar a entrevista pra gente?

R- Adoro. Você não vê como eu estou à vontade?

R/1- Está mesmo.

R- Eu sou engraçado. Eu sou diferente da minha mãe, a minha mãe, não. Eu sou igual à minha mãe. A minha sogra que era assim. A minha sogra, quando ela estava assim, ela via fotografia, ela... A minha mulher também, não gosta. Não saia, né? E eu quando estou vendo fotografia (riso) eu adoro aparecer.

P/1- Então está bom, Sérgio. Muito obrigada pela sua entrevista.

R- Foi um prazer muito grande, desejo felicidades a vocês, que vocês aproveitem bastante isso que eu falei aqui, né? E que essa iniciativa de vocês seja coroada de triunfo. E que venham sempre a São José, que eu estarei lá pra tocar uma musiquinha pra vocês.

P/1- Vamos ver você tocar. Com certeza.

R- Então.

P/1- Obrigada Sérgio.

R- Ah, muito obrigado. Obrigado.